



***EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE:
O SILÊNCIO SOBRE A SEXUALIDADE NA ESCOLA***

***EDUCACIÓN PARA LA SEXUALIDAD:
SILENCIO SOBRE LA SEXUALIDAD EN LA ESCUELA***

***SEXUALITY EDUCATION:
SILENCE ABOUT SEXUALITY AT SCHOOL***

Láís Jaeger Pires¹

Tatiana Souza de Camargo²

RESUMO

A importância da educação para a sexualidade nas escolas se dá na promoção de saúde, bem-estar e respeito à diversidade entre estudantes. A escola deve ser um espaço acolhedor para todos, independentemente de suas identidades, e a educação para a sexualidade deve ir além de tópicos biológicos. A falta de preparo de docentes e a timidez da escola em abordar o tema, são obstáculos a serem superados. O relato de uma experiência em sala de aula demonstra o interesse de discentes e o impacto positivo que essa abordagem pode ter. A capacitação da comunidade escolar, principalmente de professores, se mostra fundamental para lidar com a diversidade de gênero e sexualidade de maneira respeitosa e inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para a sexualidade. Relato de experiência. Educação básica.

RESUMEN

La importancia de la educación sexual en las escuelas es promover la salud, el bienestar y el respeto a la diversidad entre los estudiantes. La escuela debe ser un espacio acogedor para todos, independientemente de su identidad, y la educación sexual debe ir más allá de los temas biológicos. La falta de preparación de los docentes y la timidez de la escuela

¹ Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora na área de conservação, educação ambiental e educação para a sexualidade. Professora laboratorista de ensino fundamental e médio. Porto Alegre, RS, Brasil

² Professora Adjunta do Departamento de Ensino e Currículo, da Faculdade de Educação, e Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, ambos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil

para abordar el tema son obstáculos a superar. El relato de una experiencia en el aula demuestra el interés de los estudiantes y el impacto positivo que este enfoque puede tener. Formar a la comunidad escolar, especialmente a los docentes, es fundamental para abordar la diversidad de género y sexualidad de manera respetuosa e inclusiva.

PALABRAS-CLAVE: Educación para la sexualidad. Informe de experiencia. Educación básica.

ABSTRACT

The importance of sexuality education in schools is to promote health, well-being and respect for diversity among students. School should be a welcoming space for everyone, regardless of their identities, and sexuality education should go beyond biological topics. The lack of preparation of teachers and the school's timidity in approaching the topic are obstacles to be overcome. The report of a classroom experience demonstrates students' interest and the positive impact this approach can have. Training the school community, especially teachers, is fundamental to dealing with gender and sexuality diversity in a respectful and inclusive manner.

KEYWORDS: Sexuality education. Experience report. Basic education.

* * *

O amor é o que o amor faz, e é nossa responsabilidade dar amor às crianças. Quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos - os quais nós respeitamos e garantimos.

Sem justiça, não pode haver amor.

bell hooks

Introdução

Trabalhar a sexualidade na aula de biologia tem sido uma grande descoberta. Minhas primeiras aulas como professora foram num curso popular pré-ENEM. Foram nessas aulas que descobri o interesse de estudantes sobre o assunto da sexualidade. Com outros assuntos, havia uma dificuldade de interação e interesse. Conforme os conteúdos sobre o funcionamento dos sistemas genitais, infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez, e métodos contraceptivos eram expostos, a demanda de falar sobre isso aumentava. Falar de um tabu social, dentro de uma sala de aula de um pré-vestibular popular, com jovens e adultos, foi uma experiência enriquecedora.

No mesmo ano, trabalhando no laboratório de ciências de uma escola particular da cidade de Porto Alegre, pude auxiliar na organização de uma aula prática sobre o sistema genital para o oitavo ano. Desenhei no quadro os sistemas genitais, num quadro o testicular e no outro o ovariano, olhamos algumas lâminas histológicas de roedores para visualização dos gametas e disponibilizei alguns modelos tridimensionais do sistema

genital humano. Ao final da aula as dúvidas foram surgindo. Dúvidas sobre anatomia, sobre o funcionamento do corpo, ciclo menstrual e prazer.

Identifiquei essa demanda do oitavo ano a partir das visitas de estudantes ao laboratório de ciências, fora do período de aula, para solucionar dúvidas que ultrapassavam o conteúdo exigido no roteiro de estudos. Fiquei me questionando se não seria importante trabalhar com os diversos aspectos da sexualidade. Ainda não havia um vínculo de docente e discente, mas naquele momento parecia que eu era uma das poucas pessoas, entre a equipe pedagógica (e talvez ainda no círculo de convivência), disponíveis para falar de sexualidade.

Diante dessa curiosidade do oitavo ano, verifiquei se havia espaço na instituição para desenvolver algum projeto voltado para a educação para a sexualidade. Casualmente, havia outra demanda, da primeira série do ensino médio, que pedia uma aula sobre sexualidade. Meu primeiro pensamento foi que, se o tema foi solicitado por estudantes, é porque ele não era tratado por professores. Aceitei a proposta de ficar responsável pela aula de educação para a sexualidade com a primeira série, e foi a partir dela que esse artigo foi elaborado.

Ao examinar os documentos oficiais de orientação curricular, percebe-se que o tema da sexualidade não é abordado como competência do ensino médio na BNCC, é do ensino fundamental, mais especificamente do oitavo ano, junto com o conteúdo de reprodução, na matéria de biologia (Brasil, 2017). Já no Referencial Curricular Gaúcho, o tema da sexualidade está previsto tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. No ensino médio, o tema aparece nas disciplinas de “Estrutura e Funcionamento da Máquina Humana” e “Saúde e Práticas Preventivas”. Além disso, também é contemplado que

A sexualidade deve ser um assunto tratado sem tabus e preconceitos, acompanhando o processo de desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens dentro do espaço escolar e para além dele, tanto no viés da saúde, da sexualidade quanto da compreensão e do funcionamento do corpo (SEDUC-RS, 2019, p. 77).

Falar sobre educação para a sexualidade é importante durante toda a vida escolar das crianças e adolescentes, num processo contínuo de formação de acordo com cada faixa etária. Evitando, assim, que se conserve “a ideia de que se faz Educação Sexual chamando profissionais para ministrar palestras” (Figueiró, 2009). Essa era a situação com o oitavo ano: tiveram aula de sistemas genitais, aprenderam sobre o conteúdo

anatômico e fisiológico com a professora de biologia e, a educação para a sexualidade, ficou sob responsabilidade de palestrantes, pessoas de fora do contexto escolar. O resultado foi reforçar a ideia equivocada de que o assunto da sexualidade não é tarefa de professoras (es), as dúvidas após a palestra não foram sanadas, e não houveram discussões para além daquele momento.

Quando falamos de educação para a sexualidade, para promoção do respeito e liberdade, é necessário que sejam discutidos os estigmas estabelecidos socialmente. A norma estabelecida historicamente, incluindo as sociedades que passaram por processos de colonização, é retratada por homens brancos, cisgênero, heterossexuais, de classe média ou alta, que vivem em zonas urbanas e seguem a religião católica (Borges, 2018). Desde a infância, é construída uma visão sobre a organização social, sobre expectativas da vida, ações aceitáveis e inaceitáveis, as normas sociais, e assim os preconceitos são estabelecidos.

Sendo uma instituição social amplamente acessada desde a infância, a escola é um dos espaços onde reproduzimos as normas de gênero e sexualidade. É nesse espaço também que encontramos diversidade e desigualdades entre meninos e meninas, pessoas negras, amarelas, brancas, pardas e uma variedade de cores e etnias, cisgêneros e transgêneros, heterossexuais e lésbicas, gays e bissexuais (Louro, 1997; Xavier, 2018). Conviver com as diferenças pode ser um desafio caso as normas e preconceitos estejam presentes no dia-a-dia de estudantes, mas pode ser uma oportunidade para trabalhar o respeito e a diversidade dentro desse ambiente, estimulando o desenvolvimento pessoal e social.

O Guia de Gênero e Sexualidade (Viração, 2017) afirma que a escola é um espaço privilegiado para a promoção da diversidade e do respeito às diferenças. É também na escola onde crianças e adolescentes constroem suas identidades sexuais (Louro, 1997), e onde aprendemos lições da sexualidade no cotidiano, para além do currículo escolar. Por se tratar de um ambiente naturalmente sexualizado e generificado, com variedade de pessoas, é um espaço que propicia as discussões sobre sexualidade, onde estudantes se relacionam e passam pelo processo de descobrir e conhecer os aspectos da sua sexualidade e de outros (Borges, 2018).

Pensando no papel que a escola tem no estabelecimento e desenvolvimento da vida sexual de estudantes, tratar de questões do cotidiano e assuntos que atravessam a vida delas e deles pode despertar interesse e proporcionar aprendizados que serão levados para a vida. Esse deve ser um espaço onde haja acolhimento e aceitação, independentemente

de suas características de ser. Para isso, é importante que a escola promova atividades e discussões que abordem a diversidade de maneira positiva e inclusiva. Se faz necessário incentivar diálogos sobre diversidade de gênero e sexualidade, autoestima, responsabilidade afetiva, direitos sexuais e reprodutivos, segundo Miranda (2015 *apud* Borges, 2018, p. 17),

Para ampliar a visão e a compreensão da sexualidade enquanto dimensão humana, ampliando os horizontes para sua vivência plena, consciente, prazerosa, responsável, livre de medos e culpas, durante a adolescência e o resto da vida.

A escola tem, portanto, um papel fundamental na promoção do respeito à diversidade. No entanto, em sua falta de preparo para lidar com essa temática, a escola ainda tende a abordá-la (quando aborda) de maneira muito cautelosa e receosa, buscando refúgio no “científico” e evitando contextualizar essas questões com viés social e cultural (Louro, 1997). Trabalhar gênero e sexualidade com estudantes acaba tornando-se, então, um papel da (o) professora (or) de Ciências e Biologia.

Vivenciar essas experiências como educadora me fez refletir sobre a minha experiência como educanda. Tenho a recordação de uma atividade realizada no ensino fundamental numa escola católica: separaram a turma entre “meninos” e “meninas”, para a professora, mulher cis, falar com as meninas e o professor, homem cis, falar com os meninos, estigmatizando completamente o assunto que o outro grupo tratava. Pouca lembrança tenho de falar sobre sexualidade nos anos finais do fundamental, numa escola pública, onde tínhamos uma professora de Ciências que não tinha como prioridade tratar de educação para a sexualidade em sala de aula. No ensino médio, lembro do tema aparecer com foco em questões de saúde, doenças e gravidez precoce.

Essas abordagens me acompanham como uma sementinha, e hoje observo raízes de receio e constrangimento ao falar sobre o assunto em sala de aula. Afinal, mesmo sendo as primeiras experiências com a educação para a sexualidade no papel de educadora, acabei me apoiando no famoso caminho do científico, falando de corpo humano, questões de saúde, prevenção de doenças e métodos anticoncepcionais. Mas em todas essas aulas essa abordagem se mostrou muito rasa quando pensamos numa sociedade diversa. Abordar questões de gênero, sexualidade, consentimento, relacionamentos, higiene,

prazer, IST, métodos de prevenção, gestação, aborto, pornografia e prostituição, é emergente.

O Referencial Curricular Gaúcho dá amparo para que o tema seja tratado durante o ensino médio, porém, como estudantes serão contemplados, se não é a totalidade de docentes que têm preparação para tratar do tema da sexualidade? Infelizmente, era esse cenário o qual eu estava me deparando na escola, qual seja, o silêncio de professores quanto à educação para a sexualidade. Seguindo com essa falta de preparo, a escola acaba negligenciando as questões históricas, culturais e sociais, de definições de normas e repressão contra qualquer forma de diversidade, tornando esse tema um tabu, perpetuando, de geração em geração, esse constrangimento (Xavier, 2021).

Quando fiquei responsável por trabalhar a educação para a sexualidade com a primeira série do ensino médio, esses sentimentos ficaram evidentes, pois não seria apenas uma aula de biologia, sobre questões anatômicas e fisiológicas, seria uma aula que abordaria temas que foram pouco discutidos durante a minha formação escolar e acadêmica.

Entretanto, percebo que a necessidade do tema ser abordado é maior que meus receios. Sendo assim, foi dada a continuidade no projeto com a primeira série e, a partir dessa experiência, pontuei os desafios e curiosidades encontrados no caminho: como uma professora de biologia em formação encara uma aula de educação para a sexualidade solicitada pelas (os) próprias (os) estudantes? Em quais momentos me sinto preparada ou despreparada para lidar com o assunto?

Objetivo

O objetivo deste estudo é relatar uma abordagem da educação para a sexualidade em sala de aula, através de um relato de experiência.

Relato de experiência - a aula da sala púrpura

Para a aula de educação para a sexualidade foram disponibilizados dois períodos, separados por 3 semanas, na disciplina de “Projeto de vida” para a primeira série do ensino médio. Para o planejamento da aula usei como principal guia os Três Momentos Pedagógicos: problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do

conhecimento (Delizoicov; Angotti, 1990). A aula foi planejada no formato de um quiz, para que os estudantes pudessem interagir sem se expor.

Para a problematização inicial organizei algumas perguntas sobre as turmas já terem tido, ou não, aulas sobre sexualidade na escola e a partir de quais conteúdos. A maioria respondeu que tinha visto o conteúdo no ambiente escolar através da matéria de ciências e biologia, a partir do conteúdo de reprodução ou corpo humano. Aproveitei para problematizar as aulas, conteúdos e livros didáticos que tratam de sexualidade a partir de corpos brancos, magros e cisgêneros, com foco na reprodução, entre homens e mulheres. Nesse momento, estudantes se identificaram por terem ouvido falar de sexo apenas no contexto reprodutivo.

Projetei imagens de livros didáticos, de corpos humanos nus, levantando questões como padrões de peso, cor de pele, cisnormatividade e padrões de gênero designado ao sexo biológico. Nesse momento a turma apresentou os primeiros sinais de estranhamento pelas imagens, começaram os burburinhos e algumas risadas tímidas, talvez pela nudez. Falei um pouco mais sobre ser comum na escola o foco ser prevenção de IST e gravidez precoce. Os estudantes permaneceram em silêncio.

Os slides seguintes eram perguntas sobre os conceitos de sexo, sexualidade e o que seria de interesse da turma discutir dentro de uma aula de educação para a sexualidade. Assim foi possível fazer um diagnóstico e entender quais eram as demandas. Tudo de maneira anônima para estimular a interação sem arriscar qualquer tipo de exposição e constrangimento. A partir dessas perguntas eu citei os tópicos que eram relevantes dentro do tema e, fui levantando questionamentos e organizando o conhecimento.

Quando questioneei o que as turmas gostariam que fosse tratado numa aula de sexualidade, as respostas foram bem diversas, incluindo higiene, prazer, pornografia, respeito, relacionamento, e infecções sexualmente transmissíveis. Numa turma, a primeira resposta para essa pergunta foi “nada”. Ouvi algumas risadas debochadas, talvez por ainda apresentarem certa resistência em discutir o assunto no contexto escolar e com uma pessoa relativamente nova naquele ambiente. Mas em seguida os tópicos de sexualidade foram entrando na nuvem de palavras e deixando a palavra “nada” pequena.

Teve um conceito que não foi levantado, raça e etnia. Escolhi o projeto Humanae, de Angélica Dass (2012), fotógrafa que retrata a diversidade racial, para iniciar a discussão sobre questões étnico-raciais. Uma relação um pouco distante do contexto da escola privada, composta majoritariamente por pessoas brancas. Mesmo parecendo

desconexo para as turmas, pontuei a relevância desse conceito quando falamos de diversidade de pessoas. Afinal, moramos em um país que foi colonizado, onde povos foram escravizados e temos centenas de anos de história de preconceito racial. Não há dúvida de que esse assunto está presente na nossa vida de diversas formas, inclusive quando o assunto é sexualidade, relações, afetividade, poder, entre outros aspectos.

O segundo slide abordou outros elementos que compõem nossa identidade, como gênero, sexualidade e sexo biológico. Falamos sobre a origem embriológica dos genitais, sobre o processo de diferenciação sexual e sobre a diversidade de genitais para além do sexo feminino e masculino, a diversidade intersexo. Dentro do tema de pessoas intersexo, foi problematizada a pressão social sobre definições de gênero atribuído ao sexo, e a realização de cirurgias realizadas em recém-nascidos intersexo, para “definição” de um dos sexos. Como se fosse impossível uma criança crescer sem gênero. Tentamos elaborar a discussão sob o ponto de vista da família e da criança.

Aproveitando o assunto de sexo biológico, abordamos o conceito de pressão estética, incluindo regiões íntimas. Falamos de diversidade de corpos, de seios, de vulvas. Problematicamos o excesso de desenhos e pichações de imagens fáticas durante a adolescência, no ambiente escolar. Depois assistimos um vídeo sobre a personagem Aimee, da série Sex Education (Netflix Brasil, 2021). O vídeo incentiva a relação das meninas com suas vulvas, desmistificando o olhar, o toque e enfatizando a diversidade de gênero, elucidando que nem todas as mulheres têm vulvas e nem todas as pessoas com vulvas se identificam como mulheres.

O primeiro período acabou em ambas as turmas no mesmo slide e o restante da apresentação ficou para a segunda aula, junto com uma dinâmica de descontração. A impressão dessa primeira aula foi o constrangimento. No início a turma tentou tratar com naturalidade, mas conforme as perguntas ficavam mais focadas nos assuntos de sexualidade, a timidez ia tomando conta. Numa turma houve mais desconforto, na outra mais participação. Em ambas tiveram risadinhas e dificuldade de interação, apenas um ou dois estudantes fizeram comentários verbalmente, o restante participou anonimamente pelo quiz no celular.

A maioria olhava atentamente para a apresentação e no máximo fazia um comentário ou outro com colegas mais próximos. A presença da professora titular no fundo da sala pode ter deixado a timidez ganhar espaço. Essa timidez pode ser, também, um reflexo da falta de discussões na escola acerca do tema.

Alguns estudantes expressaram que as aulas de educação para a sexualidade não eram necessárias, pois eles já sabiam o “básico”. Expliquei, então, a importância de discutir o assunto na escola, que eu não estava ali para passar regras, e sim, para discutirmos sobre um tema presente na vida deles, com o objetivo de proporcionar informações e orientações confiáveis para a promoção do respeito, saúde e bem-estar.

Houve, também, quem expressasse que essa aula era muito relevante, que eles gostariam de ter mais aulas sobre o assunto, e que sentiam falta de falar sobre sexualidade no ambiente escolar. Houveram comentários de que não existia o espaço de discussão sobre sexualidade com os pais ou família, e que então, acabavam conversando sobre isso com os amigos, e que faltava acesso a uma fonte confiável e um ambiente seguro para quebrar tabus, preconceitos e falar abertamente.

Falar sobre diversidade de corpos, de como nos deparamos com padrões de beleza presentes em materiais didáticos, e todo o tipo de publicidade, foi um assunto que chamou bastante a atenção. Mostrar imagens de corpos nus já é um momento levemente constrangedor para uma primeira aula. Mencionar, levemente, questões de peso e gordofobia também foi delicado. A turma ficou em silêncio absoluto e era perceptível que era de conhecimento a importância desse assunto. No meio de grandes grupos é perceptível um comportamento respeitoso, mas é quando os grupinhos de amizade se juntam, que surge o sentimento de liberdade para serem preconceituosos.

Falar sobre genitálias foi constrangedor. Como bióloga é um assunto natural e tranquilo de abordar, mas na frente de trinta adolescentes tudo muda. A reação inicial foi mais espantosa, mas depois conseguimos levar com certa naturalidade. Quando projetei as imagens de diversidade de seios e vulvas não sabia se alguém ali estava achando interessante ou se estavam me achando esquisita. O discurso “ame seu corpo” pode ser brega, mas era exatamente essa ideia que eu queria passar. Houve absoluto silêncio. Era difícil saber se estavam gostando, e as inseguranças foram aparecendo.

Haviam momentos em que eu pensava em transmitir uma ideia, mas não encontrava as palavras certas. Nesses momentos eu me sentia despreparada, talvez por ser uma das primeiras aulas sobre o assunto, e com essas turmas, talvez por medo de não dominar algum conteúdo, não saber como responder às dúvidas, ou por ser um assunto delicado. Houve muita animação e entusiasmo da minha parte, assim como receio e insegurança. Estar no papel de professora, levantando tópicos sobre um tema sensível é complexo por ser passível de más interpretações, ou de gerar algum gatilho.

Para a segunda aula, escolhi a dinâmica "Festa dos fluidos", proposta por Perim et al. (2021). Essa é uma ferramenta lúdica e investigativa que pode ser utilizada para o ensino de sexualidade, de infecções sexualmente transmissíveis, consentimento e o que mais surgir relacionado. A atividade consiste em distribuir copos aos participantes, uns com refrigerante de limão e outros com água tônica (fluorescente na luz negra pela presença da quinina). Em seguida, os participantes devem trocar os líquidos dos copos e, posteriormente, os colocamos sob a luz negra para análise da disseminação da quinina ou fluorescência. A dinâmica permite que os participantes reflitam sobre a importância do sexo seguro e da prevenção de IST.

Preparei a sala com projetor, luzes de festa, caixa de som e copos servidos com refrigerante ou água tônica. Projetei um slide perguntando quais eram os itens essenciais para levar a uma festa. Enquanto respondiam à pergunta, expliquei como seria a dinâmica com os refrigerantes. Na dinâmica (antes de provarem a bebida em seu copo) coloquei uma música animada, e falei para simularem uma festa, que era permitido interações como abraço, beijo na bochecha e troca de líquido entre seus copos, representando a relação sexual. No final da música, pedi para que se reunissem para olharmos quantos copos brilhavam e quantos não. No início, eu havia servido apenas quatro copos com água tônica (fluorescentes). No final, cerca de vinte copos brilhavam na luz negra.

FIGURA 1: Dinâmica “Festa dos fluidos”.



Fonte: Imagem do autor.

Os meninos, principalmente, não estavam querendo interagir nem com as meninas, nem entre os amigos quando expliquei que a troca de refrigerante representava troca de

fluidos corporais ou relação sexual. A masculinidade imposta a eles não lhes permitia interações homoafetivas, nem numa brincadeira. Para que todos participassem da dinâmica, foi necessário comentar que a troca dos fluidos no copo não necessariamente significaria uma relação sexual, mas uma interação entre amigos como um abraço.

Perguntei então, sobre o que seria a prática daquela aula. Prontamente disseram que era sobre infecções sexualmente transmissíveis, alguns também comentaram sobre o risco de drogas nas bebidas em festa. Em seguida levantei o questionamento, imaginando que a água tônica seria uma IST, se o resultado das interações da nossa festinha teria sido positivo ou negativo. Foi colocado que o resultado seria negativo, e que para evitar essas situações deve ser feito o uso de preservativo.

Na pergunta que projetei no início da aula, antes da dinâmica, apenas dois ou três estudantes responderam que a camisinha é um item essencial para levar para uma festa. Quando questionei sobre a responsabilidade da camisinha, uma turma afirmou que a responsabilidade seria exclusiva de meninos. Pontuei que a proteção é responsabilidade de todos envolvidos, mas podemos começar cada um sendo responsável pela proteção do seu próprio corpo. Que, independente do gênero, é importante carregar uma camisinha consigo.

Salientei que qualquer pessoa pode ter uma infecção sexualmente transmissível e que as pessoas podem inclusive não saber que estão com alguma infecção. Contudo, não devemos ter preconceito com a questão das IST. Muitas são tratáveis a ponto de se tornarem intransmissíveis. O foco era investir em proteção para que na prática não haja preocupação com questões de saúde. Havia uma colega acompanhando a aula, que levantou a informação da testagem gratuita, que mesmo ocorrendo alguma relação sexual sem proteção, as pessoas podem ir num posto de saúde realizar o teste rápido.

Aproveitando o gancho da dinâmica, perguntei se eles tinham pedido permissão aos colegas para realizar a troca de fluidos, e se eles tinham permitido que colocassem outros fluidos em seus copos. Em ambas as turmas houveram trocas de refrigerante sem consentimento. Argumentei que é necessário saber com clareza se uma pessoa quer ou não se relacionar conosco, para evitar qualquer violação do espaço de alguém, gerando situações de desconforto, classificadas inclusive como abuso. Para isso, a comunicação é o caminho mais seguro para evitar incertezas e interpretações erradas.

Após as discussões acerca da dinâmica dos fluidos seguimos com os slides. Falamos sobre menstruação, como ela está presente na vida das pessoas que convivemos e como

isso afeta no dia a dia, tanto de quem menstrua como de quem não menstrua. Perguntei sobre os sintomas menstruais que são recorrentes na turma. As palavras que apareceram foram: cólica, tensão pré-menstrual, dores de cabeça, nas costas, irritabilidade e cansaço. Levantamos a discussão sobre ser desafiador executar as atividades cotidianas mesmo com todos esses sintomas e que, por isso, podemos ser mais compreensivos com quem está passando pelo seu período menstrual.

Estendendo a discussão para o mercado de trabalho, falamos sobre a falta de apoio e auxílio para trabalhadoras (es) que menstruam e executam sua atividade mesmo com desconfortos. Uma turma foi mais engajada nos comentários, a outra não comentou. No slide seguinte, questionei se conheciam o termo “pobreza menstrual”. Poucos sabiam, então discutimos sobre ser uma questão de saúde pública, que é negligenciada, silenciada, e um dos motivos para a evasão escolar e do mercado de trabalho.

Algumas alunas expressaram que, mesmo não passando por essa realidade, poderiam imaginar quão complicado e humilhante deve ser não ter acesso aos absorventes e produtos de higiene básica durante esse período. Também foram feitos comentários criticando um veto presidencial para a distribuição gratuita de absorventes para estudantes de baixa renda, pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade extrema, pessoas privadas de liberdade e nas cestas básicas. Os estudantes comentaram que garantir o acesso gratuito aos absorventes menstruais, melhoraria, não apenas a qualidade de vida da população, mas o desenvolvimento do país.

No slide seguinte, questionei se o autoprazer era considerado uma prática saudável. A maioria considerava saudável, alguns argumentaram ser saudável apenas quando praticada com moderação. Quem disse que não era saudável, justificou que o autoprazer, quando relacionado com o consumo de pornografia, não seria saudável pelas consequências sociais e psicológicas que esse conteúdo proporciona. Ainda foi comentado que a prática de auto prazer leva ao autoconhecimento, fazendo com que as pessoas conheçam o próprio corpo e saibam como gostam de sentir prazer. Comentei também sobre os hormônios liberados durante o orgasmo e seus benefícios fisiológicos.

O slide seguinte continha uma pergunta sobre a indústria pornográfica. Numa turma, mesmo os estudantes comentando sobre a problemática da pornografia, ainda assim, alguns expressaram anonimamente nos slides, que seria bom. Na outra turma, mesmo sem fazer nenhuma contribuição oralmente, tiveram apenas comentários negativos, como perigosa, desumana, exploratória e contra a saúde mental.

Separamos os comentários sobre a pornografia em dois pontos, de quem produz e de quem consome. Foram levantados contextos de como as pessoas acabam trabalhando na comercialização do corpo ou da própria imagem, sobre o retorno financeiro poder ser atrativo e sobre esse meio estar vinculado com tráfico humano e formas de escravidão. Que mesmo que alguém tenha se submetido a isso, provavelmente foi por alguma necessidade, e que a produção pornográfica coloca, mulheres cis e trans, em situações de vulnerabilidade.

Trazendo a produção de conteúdo adulto para contextos mais próximos, comentamos sobre a popularização da comercialização desses conteúdos nas redes sociais. Qualquer pessoa pode criar um perfil e divulgar conteúdo íntimo nas redes sociais, permitindo acesso via assinatura. Problematizamos essa questão por conta da internet não ser um lugar de fácil remoção de conteúdos de imagem. Uma vez publicado, qualquer um com acesso pode guardar ou disseminar essas imagens para sites de acesso gratuito.

Quando faltava um minuto para o fim do período, permiti que respondessem a pergunta, “em caso de abuso sexual, você sabe quais são os procedimentos a seguir?”. As respostas foram pertinentes, porém práticas, como chamar a polícia, denunciar, fazer testes contra doenças e evitar trocar de roupa ou tomar banho para realizar a perícia. Não conseguimos discutir nada sobre isso e foi frustrante, tanto a falta de participação da turma, quanto a falta de tempo para discussões mais profundas. Temas como violência sexual e aborto não foram discutidas, e a maioria dos tópicos foram discutidos rapidamente. Mesmo o tempo das aulas sendo curto, eu queria criar um espaço seguro para tratar das diversas dimensões da sexualidade.

Quando estava montando o slide de como proceder em situações de abuso, percebi que nem eu mesma saberia. Busquei alguns materiais para instruir docentes em caso de abuso. Os protocolos encontrados se referem apenas a tomadas de decisões práticas ou legais, como buscar o conselho tutelar, polícia e realizar a denúncia. Nenhum documento aborda como acolher essa pessoa, como agir de maneira a protegê-la, garantindo que as medidas necessárias sejam tomadas sem negligenciar nem passar por essa situação sem o conhecimento da escola.

A falta de tempo para a realização das aulas foi desfavorável. Receber dois períodos com cada turma foi uma ótima oportunidade, mas no final da segunda aula ficou evidente que faltou tempo. Faltou tempo para realizar dinâmicas mais atrativas, divertidas e que

incentivassem uma maior participação. Cada assunto abordado merecia um período, uma aula diferente que despertasse o interesse e curiosidade. Talvez com mais tempo eu conseguisse conquistar a confiança dessas (es) estudantes, pois criar um ambiente confortável requer tempo.

Apesar das frustrações, ver que alguns estavam prestando atenção e comentando sobre a relevância de discutirmos esses assuntos em aula, foi suficiente para entender a importância de trabalhar educação para a sexualidade. Mesmo que nem todos estivessem participando com comentários, talvez alguma dúvida ou assunto de interesse pode ter sido abordado. Falamos de assuntos importantes, mesmo que rapidamente, e me mostrei disponível para que me procurassem caso precisassem de algo.

Considerações Finais

Poder abordar diferentes assuntos da educação para a sexualidade dentro de uma escola de ensino tradicional foi elucidativo em diversos aspectos. Ficou evidente que essa é uma demanda estudantil e que não é trabalhada pelo corpo docente. Quanto menos tratado por adultos responsáveis, mais estigmatizados são os assuntos relacionados à sexualidade e menos informações essenciais serão transmitidas para estudantes, a fim de garantir o bem-estar e saúde de si e de quem se relacionam.

Tratar sobre sexualidade na escola é, além de quebrar tabus, buscar por consciência e respeito. Educação para a sexualidade não é apenas sobre preservativos, anticoncepcionais, IST e puberdade, é sobre como se relacionar de forma respeitosa consigo e com os outros. É também sobre responsabilidade afetiva, sobre identificar situações de desrespeito, de violação de direitos, de abuso e de parâmetros benéficos ou maléficos no contexto da sexualidade humana.

Toda a comunidade escolar deveria, em um momento de capacitação, ouvir e se aprofundar sobre a diversidade de gênero e sexualidade, principalmente professores. São muitos os cargos que lidam diretamente com crianças e adolescentes, mas os docentes podem, além de tratá-los de maneira respeitosa, levantar constantemente questões que abordam a diversidade sexual. Pois é no respeito e validação que as relações se estabelecem.

Referências

BORGES, Maria Luiza Amorim. **Mapeamento de trabalhos publicados nos Anais do ENPEC: a diversidade da temática de Gênero e Sexualidade e seu amplo potencial de transformação.** 2018. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

DASS, Angélica. **Humanae.** 2012. Angélica Dass, 2012-2024. Fotografia. Disponível em: <https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/>. Acesso em: 9 set. 2023.

DELIZOICOV, D. e ANGOTTI, J. A. **Três momentos pedagógicos:** problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento. In: DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. (orgs.). *Ensino de ciências: fundamentos e métodos.* São Paulo: Cortez, 1990. p. 15-39.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Educação sexual:** múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. 190p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIRANDA, Pedro Raimundo Mathias de; FREITAS, Francisca Estela de Lima; SILVA, Caroline Nunes. **Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 2015 . Águas de Lindóia: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

NETFLIX BRASIL. **Aimee e o Maravilhoso Universo das PPKs.** Netflix Brasil, 2021. 1 vídeo (1:44 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iIyOmg7g0hg&t=11s>. Acesso em: 9 set. 2023.

PERIM, S. C. S., GRADELLA, D. B. T., SILVA, I. A. C., & MANCINI, K. C. (2021). Festa dos fluidos: dinâmica para o ensino de sexualidade/infecções sexualmente transmissíveis. **Anais do VIII Encontro Nacional de Ensino de Biologia**, 8, 290-295. DOI: 10.46943/VIII.ENE BIO.2021.01.290.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio.** Porto Alegre, RS: SEDUC-RS, 2019. Disponível em: <<https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202111/24135335-referencial-curricular-gaucha-em.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

VIRAÇÃO. **Guia de gênero e sexualidade para educadores(as).** São Paulo, p. 28. 2017. Disponível em: <<http://conteudo.viracao.org/guia-de-genero-e-sexualidade-para-educadores>>.

XAVIER, Gláucia Marques. **Sobre corpos em branco e vidas coloridas:** construção do gênero e da sexualidade em contextos de educação sexual. 2018. Trabalho de Conclusão

de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

XAVIER, Gláucia Marques. **Território de negociações, roteiros instáveis**: noções de consentimento a partir do diálogo entre jovens. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

Recebido em junho de 2024.
Aprovado em outubro de 2024.

Revista
Diversidade
e Educação